

O atomismo, a alucinação e a construção científica da realidade

Manuel Silvério Marques
Médico, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

Resumo:

A ciência de hoje é, para muitos dos seus praticantes e utilizadores, no seu melhor, um *Ersatz* da panaceia universal. Trato aqui da origem desta esperança e desta quimera através do estudo da obra de Robert Boyle (1627-1691), considerado (com Galileu, Boyle_atom_4Jan 2

Descartes, Huygens, Newton) o patrono da filosofia mecanicista e do método experimental. Boyle foi um dos fundadores da Royal Society, o mais importante protagonista do corpuscularismo e um dos principais “desmistificadores” da filosofia preternatural e do pensamento escolástico. Alguns tópicos da medicina pré-moderna, da alquimia e da filosofia natural proporcionam o contexto histórico indispensável para tratar aspectos “fundacionais” da filosofia química de Boyle e da “invenção” das “ciências indutivas”. Para tal discuto, no capítulo central deste texto, a obra *The Origin of Forms and Qualities according to the Corpuscular Philosophy* de Robert Boyle (publicado em 1665-6) e a refutação da doutrina das qualidades e da forma substancial. Foco (parcialmente) representações, metáforas e categorias epistémicas e/ou cognitivas típicas do mecanicismo e do corpuscularismo e discuto o estatuto ontológico de objectos e instrumentos baconianos, do *gás* helmontiano à máquina pneumática. Positivamente, com Alan Chalmers, distingo três “atomismos”, sublinhando que o de Boyle, químico, pouco tem a ver quer com o precedente, “metafísico”, quer com o da física estatística. Finalmente deixo uma nota acerca da emergência do axioma científico moderno, a imanência, a qual alimenta a *alegria na rigidez* da ciência que impressionou Bachelard e se adivinhava nos austeros protocolos de Boyle.